

## **“Visit Margate”: turismo, memória e nacionalismo no litoral inglês<sup>1</sup>**

*Ana Carolina Balthazar (UCL/ Inglaterra, PUC-Rio/ Brasil)*

*Palavras-chave: turismo; memória; nacionalismo*

Em 2012, como parte da minha pesquisa etnográfica de doutorado, me mudei para a cidade de Margate, no litoral inglês e lá morei por 15 meses. Desde então sigo em contato com os meus informantes. Margate possui cerca de 50mil habitantes, mas é frequentemente visitada por moradores das regiões vizinhas e por turistas de todo o país e do exterior. Em meados do século XX, Margate era um popular destino de férias das classes trabalhadoras de Londres. Com as mudanças sofridas pelo país no final do século passado (principalmente o processo de desindustrialização do Reino Unido), Margate passou a enfrentar uma forte crise econômica. Buscando regenerar economicamente a cidade, o governo local e alguns habitantes atualmente investem em um plano estratégico para reposicionar Margate como um destino turístico internacional. No entanto, independente desses acontecimentos econômicos, a cidade continua sendo um destino para aposentados, aqueles que preservam memórias das suas férias em Margate quando crianças. Ou seja, no fim da vida escolhem um lugar repleto de boas memórias e distante do agito da cidade-grande para se aposentarem. Em função disso, Margate concentra uma grande população com mais de 60 anos.

Esses aposentados com frequência têm origem familiar em classes trabalhadoras, mas em função da desindustrialização da Inglaterra nos últimos anos, migraram para o que se convencionou chamar de “classe de serviços”. Em busca de empregos, se mudaram algumas vezes dentro do país. Além disso, com acesso a alguns instrumentos governamentais, cursaram o ensino superior e alcançaram uma estabilidade financeira.

A estratégia de imersão no campo envolveu um trabalho voluntário no “charity shop” (loja de caridade) local. Essas lojas de caridade são muito comuns no Reino Unido e normalmente revendem produtos doados (por vezes produtos antigos, de décadas passadas) para angariar fundos para alguma causa beneficente. Aposentados e pessoas em busca de emprego costumam trabalhar voluntariamente nesse tipo de loja. Por mais de um ano eu trabalhei em uma das lojas de caridade de Margate, localizada no centro da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

região histórica. Ali estive imersa na rotina da cidade e pude acompanhar a dinâmica dos turistas e dos locais. Foi a partir de um primeiro encontro na loja de caridade que me aproximei de alguns informantes e passei a acompanhar as suas rotinas também fora da loja (no mercado, em casa e durante eventos sociais). Ainda que eu tenha interagido com um vasto número de pessoas na loja, aos poucos o grupo de aposentados assumiu destaque na minha pesquisa. Eles pareciam oferecer mais resistência às mudanças propostas para a cidade pelo governo local. Particularmente interessante era a opinião deles sobre a nova galeria construída na cidade.

Isto é, para atrair turistas estrangeiros, uma galeria de arte contemporânea foi inaugurada na cidade em 2011 e nomeada *Turner Contemporary*, em homenagem ao famoso pintor inglês. JW Turner pintou muitos quadros a partir da paisagem de Margate. A ideia é que a atração de turistas para a cidade impulsionaria o mercado local, geraria empregos e solucionaria os problemas econômicos da região. No entanto, muitos dos meus informantes eram contra a construção de uma instituição para "outras pessoas" (isto é, pessoas não locais). Havia dois grandes argumentos para criticar a estratégia. O primeiro é que arte contemporânea não solucionaria o problema daqueles que não têm o que comer ou onde morar. O segundo argumento, aparentemente mais trivial, parecia oferecer um bom objeto para a reflexão antropológica. Tratava-se da crítica de alguns aposentados à arquitetura da galeria – um prédio minimalista no estilo “white cube” (cubo branco), desenvolvido pelo arquiteto David Chipperfield. O intuito do arquiteto, segundo relatos, era construir um prédio que lembrasse cabanas praianas, porém fosse, na medida do viável, coberto de vidro – para que os visitantes pudessem usufruir da paisagem tantas vezes pintada por Turner.

No entanto, os moradores aposentados argumentavam que o prédio era “frio” e sem personalidade (“character”), e que não era construído a partir dos materiais historicamente associados à Margate – por exemplo, o que eles chamam de “flints”, minerais historicamente usados em construções da região. Enquanto esse argumento poderia tratar de uma preferência apenas estética, um acompanhamento etnográfico dos informantes oferece um outro ponto de vista.

Durante as minhas manhãs e tardes na loja de caridade local, pude observar que alguns objetos antigos que eram revendidos na loja atuavam como uma espécie ignição de memória coletiva. Isto é, pessoas aposentadas que nasceram e trabalharam nas mais diversas regiões do Reino Unido e agora haviam se aposentado em Margate com frequência não possuíam uma rede de afetos locais. Dessa forma, a ida à loja de caridade

funcionava como uma oportunidade para conhecer pessoas e socializar. E, com frequência, os objetos antigos atuavam como um mediador. Algumas vezes acompanhei a maneira como um morador local entrava na loja e começava a relembrar histórias do passado ao ver um chapéu dos anos 50 ou uma bota dos anos 70. Em seguida, outras pessoas presentes começavam a compartilhar lembranças parecidas e rapidamente uma narrativa em comum era construída. Objetos “Made in Britain” eram particularmente valiosos para esse tipo de prática e com frequências narrativas sobre o passado da nação viabilizavam uma sensação de pertencimento para os moradores locais.

A perspectiva nacional não se fazia relevante apenas na loja de caridade, construindo vínculo entre pessoas que se desconheciam, mas no lar, enquanto marido e mulher discutiam a melhor forma de redecorar as suas casas históricas – Eduardianas, Vitorianas, etc. Muitos dos meus informantes possuíam casas antigas e se esforçavam para mantê-las o mais próximo possível do original, discutindo a melhor maneira de reformar a escada de madeira ou o papel de parede. Aqui, o rei Eduardo VII ou a rainha Vitória, e as suas respectivas épocas, deixam os livros de história e passavam a coabitar o lar dos meus informantes, sempre presentes em suas conversas e negociações.

É a partir disso que podemos entender que a preferência por “flints” em detrimento da arquitetura minimalista do *Turner Contemporary* não se refere apenas a questões estéticas. A materialidade histórica da região é fundamental para a construção de uma memória coletiva que une e produz laços afetivos locais. Ao construir uma galeria “cubo branco”, o governo local ignorou regimes temporais que são centrais para a rotina dos moradores locais. Isto é, para se relacionar com o passado não bastava que a nova galeria produzisse um vínculo conceitual com JW Turner, era importante que o vínculo com Turner e sua época se materializasse fisicamente na instituição. Para meus informantes o vidro não era uma referência a Turner, mas um artefato recentemente produzido, que não carregava nenhum vínculo material com a época de Turner e que, portanto, também não viabilizava discursos de memória.

Em Margate o passado não é apenas um imaginário vendido a turistas estrangeiros, mas compõe as narrativas nacionalistas que permeiam as casas, lugares e “materialidades”. Nesse sentido, essa etnografia dialoga com correntes teóricas da antropologia que problematizam concepções do espaço como algo “abstrato”, “homogêneo” e “passivo de agência” (Gonçalves 2013; Ingold 2000); e assim, também dialoga com os estudos de cultura material que propõem uma dissolução da polaridade entre sujeito e objeto (e.g. Miller 1987; Tilley 1994; Kuchler 1999; Buchli 2013). Ou seja,

em Margate, de acordo com a perspectiva dos meus informantes, a cidade, assim como seres humanos, possuiu um “caráter” (“character”), isto é uma personalidade particular, que deve ser respeitada pelo governo e demais visitantes.

Ainda que a galeria tente se conectar com elementos importantes do passado britânico e da memória dos habitantes locais, por exemplo ao se associar a um importante pintor inglês, enquanto produto para consumo de turistas internacionais esse passado se torna desconectado da rotina dos moradores aposentados de Margate. A galeria apresenta um “regime de historicidade” (Hartog 2003) que desafia a sensação de “pertencimento” (Cohen 1981; Degnen 2012; Edwards 1998; Lovell 1998; Strathern 1981) de alguns moradores. Os estudos de “pertencimento” (“belonging”) compõem um tradicional debate da antropologia social inglesa sobre o vínculo das pessoas com o lugar, e investiga as maneiras pelas quais narrativas sobre o passado são manipuladas de forma a gerar um vínculo entre pessoas e espaço local (Cohen 1982; Strathern 1981; Lovell 1998; Edwards 1998; Dedgen 2012). Este vínculo é marcado por uma relação de propriedade – o lugar pertence às pessoas e as pessoas pertencem ao lugar. Ou seja, o sentimento de propriedade independe da compra do espaço, problematizando noções absolutas de público e privado – o espaço é daqueles que possuem um vínculo histórico com o mesmo. E é essa relação de propriedade que estimula os habitantes de uma localidade a se sentirem responsáveis por aquele espaço. Por exemplo, Jeanette Edwards (1998) discute a forma como informantes do norte da Inglaterra interferem nas práticas da autoridade governamental local por desqualificarem o conhecimento dos gestores que não “pertencem” à região. Da mesma maneira, a partir de suas formas específicas de perceber e interagir com o passado, os meus informantes questionam o projeto de regeneração urbana de Margate. Esses moradores estranham o investimento em instituições “feitas para outras pessoas” – os estrangeiros – e atuam politicamente para defender as suas próprias narrativas sobre o passado (e as respectivas materialidades).

Nos últimos anos houve uma grande adesão a políticas nacionalistas na região. Primeiro isso se materializou num aumento de votos para o United Kingdom Independence Party (UKIP). O UKIP é um partido populista que defende, entre outras coisas, a redução do número de imigrantes estrangeiros no Reino Unido. Em 2015, Nigel Farage, o então líder da UKIP, concorreu a uma vaga no parlamento para representar as regiões vizinhas a Margate, onde alguns dos meus informantes moravam. Durante a sua campanha por votos Farage prometeu, entre outras coisas, suspender a venda de um dos aeroportos locais para uma incorporadora. Parte da angústia dos meus informantes a favor

da suspensão era ver a destruição de um importante local histórico, o aeroporto de onde partiram diversos aviões usados nas guerras mundiais. E que, com isso, o “character” da região fosse também destruído – junto a memória dos habitantes. Como eles muitas vezes me lembraram durante feriados e ritos nacionais em homenagem aos soldados que morreram durante as guerras: “nós não podemos esquecer”. O aeroporto, as casas e os objetos “Made in Britain” ajudam a lembrar.

Em 2016, discursos nacionalistas mais uma vez ganharam destaque e colaboraram para a decisão do referendo sobre a saída do Reino Unido da União Europeia (o “Brexit”). No referendo, como em muitas outras áreas litorâneas da Inglaterra, a maior parte da população de Margate e a grande maioria dos meus informantes votou pelo “Brexit”. Diante do resultado, muitos comentaristas apontaram a nostalgia presente nos discursos pelo “Brexit” e a idealização de um passado imperial que não retornará.

Uma abordagem etnográfica do tema, no entanto, mais uma vez proporciona uma outra interpretação. O “Brexit” e sua direta alusão a um passado Britânico parece atuar como os objetos “Made in Britain” encontrados no “charity shop” ou as “flints” dos prédios da região. Todos mobilizam uma narrativa coletiva que se conecta com as memórias dos habitantes e constrói vínculos entre pessoas que previamente não se conheciam. Mais do que isso, essas narrativas reproduzem lealdades aos parentes dos aposentados que lutaram e morreram na Segunda Guerra Mundial. Quando aludem a um passado Britânico, meus informantes não se referem a algo que já foi, mas a algo que está presente em sua rotina e que é importante para a construção de pertencimento local. No entanto, objetos “Made in Britain”, as “flints” e suas memórias ficam ameaçados por narrativas e instituições que se reproporiam do passado para vendê-lo aos turistas - como no caso da *Turner gallery*.

Argumento que mais do que se opor a indivíduos específicos, meus informantes se opõem a uma lógica (fortemente marcada por traços neoliberais) que ignora a relação material que eles enxergam entre passado e presente (as “flints”, os “Made in Britain”, as casas Eduardianas). Lógica essa que arrisca “descaracterizar” a cidade onde vivem. Mais do que a estrangeiros, os meus informantes se opõem aos governantes que defendem essa lógica. Como consequência, meus informantes encontraram no “Brexit” uma forma de dar voz a esse sentimento de insatisfação - muitas vezes o chamando de “voto de protesto” (Balthazar 2017).

Argumento ainda que se apenas avaliarmos a eficácia econômica e política do “Brexit” estaremos ignorando alguns elementos importantes do fenômeno. Muitos

comentaristas apontam que líderes como Nigel Farage rapidamente deixaram o projeto político do “Brexit” por entenderem a difícil execução do que fora prometido. Sendo assim, esses mesmos comentaristas assumem que eleitores terão se dado conta da inviabilidade do projeto e se arrependem do voto. No entanto, isso é esquecer da eficácia do voto em si: assim como o discurso a respeito dos “Made in Britain” no “charity shop”, cada vez que os moradores aposentados de Margate reforçam o seu desejo de “ter o seu país de volta” (o slogan do “Brexit”) eles produzem laços entre si e pertencimento. Como disse uma das minhas informantes: eles cantam a partir de uma mesma cartilha. Essa cartilha, argumento eu, os une e isso é bastante.

Por fim, sugiro que exista aqui aquilo que Bruno Latour (2002), inspirado no conceito de “multi-naturalismo” do Eduardo Viveiros de Castro, chamou de “guerra dos mundos”. Segundo Latour, precisamos entender que alteridade não diz respeito apenas a diferentes interpretações ou representações de mundo: as pessoas transformam radicalmente o mundo em que vivem a partir da maneira como entendem e interagem com o mesmo, gerando ambientes físicos e tangíveis bastante diferentes. Em Margate o passado é presente, é físico – não é um imaginário sobreposto ao mundo. Segundo Latour, apenas quando formos capazes de reconhecer a radical alteridade que encaramos poderemos investir em estratégias de negociação e, quem sabe, construir a paz. Enquanto isso, o extremismo político se intensifica no Reino Unido – e ao redor do mundo.

### **Referências citadas:**

BALTHAZAR, Ana Carolina (2017) ‘Made in Britain: Brexit, teacups, and the materiality of the nation’, *American Ethnologist* 44 (2): 220-224.

BUCHLI, Victor. (2013) *An Anthropology of Architecture*. Londres: Editora Bloomsbury, 2013.

COHEN, Anthony. (ed.) (1982) *Belonging: identity and social organisation in British rural cultures*. Manchester: Manchester University Press.

DEGNEN, Cathrine. (2005) “Relationality, place, and absence: a three-dimensional perspective on social memory”. Publicado em *The Sociological Review*, 53, pp. 729–744.

EDWARDS, Jeanette. (1998) “The need for a bit of history: Place and past in English identity”. Publicado em Lovell, Nadia. (ed.) *Locality and Belonging*. Londres: Routledge, pp. 145–167.

GONÇALVES, José Reginaldo. (2013) “As Transformações do Patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente”. Publicado em Ferreira Lima, Manuel; Tamasso,

Izabela (orgs.) *Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos*. ABA Publicações. Brasília. ISBN: 9788587942043.

HARTOG, François. (2003) *Régimes d' historicité: présentisme et expériences du temps*. Paris: Seuil.

INGOLD, Tim. (2000) *The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and Skill*. Londres e Nova York: Routledge.

KUCHLER, Susanne. (1999) "The place of memory". Publicado em Forty, Adrian e Küchler, Susanne (eds) *The Art of Forgetting*. Oxford: Berg, pp. 53-72.

LATOUR, B. (2002) *War of Worlds: What about Peace?* Chicago: Prickly Paradigm Press.

LOVELL, Nadia. (1998) (ed.) *Locality and belonging*. Londres: Routledge.

MILLER, Daniel. (1987). *Material Culture and Mass Consumption*. Oxford: Blackwell.

STRATHERN, Marilyn. (1981) *Kinship at the core: an anthropology of Elmdon a village in north-west Essex in the nineteen-sixties*. Cambridge: Cambridge University Press.

TILLEY, Chris. (1994) *A phenomenology of landscape: places, paths, and monuments*. Oxford: Berg.